

Representações sociais de idosos sobre a COVID-19: análise das imagens publicadas no discurso midiático

Social representations of elderly people about COVID-19: analysis of images published in media discourse

Representaciones sociales de las personas mayores sobre COVID-19: análisis de imágenes publicadas en el discurso mediático

Alessandra Souza de Oliveira
Arianna Oliveira Santana Lopes
Elaine dos Santos Santana
Nádia Cristina Moraes Sampaio Gobira
Layanne Christinne dos Passos Miguens
Luana Araújo dos Reis
Luciana Araújo dos Reis

RESUMO: O objetivo é verificar as representações dos idosos sobre a COVID-19, por meio da análise do conteúdo de imagens de idosos publicadas no portal G1/Globo Play. Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo e exploratório, ancorado no aporte teórico da Teoria das Representações Sociais (TRS), que avaliou 21 reportagens televisivas e digitais. Emergiram três eixos temáticos: Representações do “Ficar em casa”; Estratégias de enfrentamento do afastamento social em tempos de pandemia; e Perspectivas futuras pós-pandemia.

Palavras-chave: Envelhecimento; Mídia; COVID-19.

ABSTRACT: *The objective is to verify the representations of the elderly about COVID-19 by analyzing the content of images of elderly people published on the G1 / Globo Play portal. This is a qualitative, descriptive and exploratory study, anchored in the theoretical contribution of the TRS that evaluated 21 television and digital reports. Three thematic axes emerged: Representations of “Staying at home”; Strategies to face social exclusion in times of pandemic; and Post-pandemic future prospects.*

Keywords: *Aging; Media; COVID-19.*

RESUMEN: *El objetivo es verificar las representaciones de las personas mayores sobre el COVID-19 mediante el análisis del contenido de imágenes de personas mayores publicadas en el portal G1 / Globo Play. Se trata de un estudio cualitativo, descriptivo y exploratorio, anclado en el aporte teórico de la TRS que evaluó 21 reportajes televisivos y digitales. Surgieron tres ejes temáticos: Representaciones de “Quedarse en casa”; Estrategias para afrontar la exclusión social en tiempos de pandemia; y perspectivas de futuro después de una pandemia.*

Palabras clave: *Envejecimiento; Medios de comunicación; COVID-19.*

Introdução

Identificado em dezembro de 2020 em Wuhan na China, o vírus que foi denominado SARS-CoV-2, e a doença por ele causada, a COVID-19, consiste atualmente na primeira pandemia do século XXI, trazendo grandes desafios no seu enfrentamento (OMS/OPAS, 2020). Segundo dados recentes sobre os infectados pelo novo coronavírus, observa-se que, dentre os grupos de maior mortalidade, encontram-se os idosos e aqueles que tenham patologias associadas à imunodepressão, e frequentemente estas duas condições estão entrelaçadas (Carrillo, *et al.*, 2020).

A COVID-19 tem se mostrado mais grave especificamente nos idosos, com maior número de complicações, necessidade de internamento, e maior número de mortes.

A taxa de mortalidade da doença, no Brasil, é de 5,3% com maior prevalência nas regiões Norte (10,0%), Sudeste (6,5%) e Nordeste (5,5%), conforme informações da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020), com o número tendendo a aumentar conforme o avanço da idade.

No entanto, as estatísticas se tornam mais desalentadoras à medida que os pacientes envelhecem. Enquanto pacientes entre 60-70 anos têm uma probabilidade de 0,4% de morrer; aqueles com idades entre 70 e 80 anos têm 1,3%; e os com mais de 80 anos, de 3,6%. Embora isso não pareça uma probabilidade muito alta de morte, no atual surto que a Itália está enfrentando, 83% dos que sucumbiram à infecção pela Covid-19 tinham mais de 60 anos de idade (Portal do COFEN, 2020).

Dado o maior risco que sofrem os idosos pela maior mortalidade e hospitalização, o distanciamento social adquire fundamental importância na redução da disseminação comunitária e bloqueio da cadeia de transmissão da COVID-19 (Etard, Vanhems, Atlani-Duault, & Ecochard, 2020). Durante essa pandemia, o mundo e o Brasil adotaram medidas de isolamento e distanciamento social gerando, além do sofrimento com o noticiário de mortes e hospitalizações, danos emocionais e financeiros, que afetaram diferentemente os idosos. Portanto, para além das questões fisiopatológicas e epidemiológicas, há de se discutir o impacto da pandemia COVID-19 na saúde integral do idoso.

Nessa perspectiva, o presente estudo propõe-se a verificar as representações dos idosos sobre a COVID-19, por meio da análise do conteúdo de imagens de idosos publicadas no portal G1/Globo Play.

Materiais e métodos

Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo e exploratório, ancorado no aporte teórico da Teoria das Representações Sociais que avaliou 21 reportagens televisivas e digitais, dispostas no portal G1/Globo Play no período de 1 de março a 16 de maio de 2020. O G1/Globo Play é um portal de notícias brasileiro mantido pelo Grupo Globo e sob a orientação da Central Globo de Jornalismo, a maior emissora brasileira. Tal fato foi determinante para sua escolha como fonte única para a coleta de dados, visto que esta plataforma digital tem mais de 100 milhões de acessos usuários únicos.

O processo de seleção de amostra se iniciou com um levantamento de todas as reportagens televisivas e digitais que continham idosos, totalizando 58 publicações referentes ao período proposto para o estudo. Tal período foi definido com o objetivo de se avaliar o período exato do aumento da pandemia no Brasil. A coleta foi realizada por meio digital do acervo do G1/Globo Play, sendo que todas as reportagens do período selecionado foram vistas na íntegra e as informações acerca das imagens-foco alimentaram, como instrumento de coleta, uma planilha eletrônica.

Findado o processo de seleção das entrevistas, foi realizado um trabalho de transcrição na íntegra de todo o material. Para a análise dos dados, recorreu-se à Técnica de Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2016). A análise de conteúdo propõe um conjunto de técnicas de análise que busca, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, os indicativos que permitem inferir os conhecimentos relativos às condições de produção/recepção dessas mensagens. Bardin (2016) sugere três etapas na fase de planejamento de uma análise de conteúdo: (1) a pré-análise; (2) a exploração do material; e (3) o tratamento dos dados.

A pré-análise é a primeira etapa do planejamento de uma análise de conteúdo. No presente estudo, os pesquisadores selecionaram as reportagens a serem analisados, e formularam as questões de pesquisa e as hipóteses de trabalho. A segunda etapa consistiu na exploração do material, e foi o processo mais demorado do trabalho. Os pesquisadores codificaram os dados e os agregaram em unidades. Por fim, a terceira fase consistiu no tratamento dos dados - inferência e interpretação. Nesta etapa os pesquisadores confrontaram seus resultados com a teoria das Representações Sociais, ou seja, tornou os resultados significativos.

Por se tratar de uma análise de dados secundários, com coleta de dados que não envolve diretamente seres humanos, não foi necessária aprovação do Comitê de Ética em pesquisa, sendo respeitados os direitos autorais dos estudos de acordo o decreto n.º 8.469/2015, e a proteção oferecida pelo CEP/CONEP para estudos desta modalidade, que visam à produção, a partir de materiais já elaborados, contribuindo culturalmente para todos, de forma analítica (Brasil, 2015).

Resultados e Discussões

A partir das análises dos conteúdos das reportagens selecionadas, foram obtidos os seguintes eixos temáticos e categorias, apresentados no Quadro 1:

Eixo temático	Categoria
Representações do “Ficar em casa”	Sentimentos negativos
	Cuidar de si e do outro
Estratégias de enfrentamento do afastamento social em tempos de pandemia	Espiritualidade
	Inclusão digital
Perspectivas futuras pós pandemia	Autonomia, socialização, religiosidade e convívio familiar

Fonte: Dados da pesquisa

Categoria 1. Representações do “Ficar em casa”

Na categoria 1, “Ficar em casa”: sentimentos negativos, as representações sociais dos idosos sobre a COVID-19 e em relação à perda da liberdade e o isolamento se destacam pelo uso das falas: *“Deixei de andar, não posso ir para igreja”*, *“[...] Eu era acostumada a sair todo dia”* e *“Minha vida antes da pandemia”*. Assim, é perceptível a solidão sentida por eles, pois o distanciamento social os impede de manter a proximidade entre amigos, parentes, vizinhos, o que pode afetar seus relacionamentos e sentirem-se afastados da comunhão uns com os outros nos mais diversos ambientes. As falas evidenciam o descontentamento dos idosos, quanto ao enclausuramento sem opção de escolha, assim como o marco de um período de tempo pré- e pós-pandemia, o que traz à tona uma realidade de enfrentamento inesperada, diante de um inimigo invisível, verificados nos trechos abaixo:

“Deixei de andar, não posso ir para igreja... o me deixa mais chateada.” (Mulher, 75 anos)

“Não tenho tendência depressiva, mas essa situação tem me deixado muito triste. Dá até vontade de chorar.” (Mulher, 75 anos)

“Minha vida antes da pandemia, eu gostava de sair, gostava de caminhar, gostava de fazer compras, ensinar artesanatos, conversar com as amigas. Agora a coisa mudou. A coisa difícil que eu acho é ficar sem conversar com as amigas, converso só pelo celular... espero que isso passe logo.” (Mulher, 87 anos)

Podemos destacar que a vida ativa desses idosos antes da pandemia da COVID-19, desvela o quanto a liberdade para sair de casa e ter um ciclo de relações sociais presenciais, têm um caráter de importância para esta parcela da população. Esses dados revelam, que muitos idosos atualmente precisaram “lançar mão” do uso recursos tecnológicos para minimizar os impactos gerados pelo distanciamento social, como demonstrado no relato da idosa: “[...] *converso só pelo celular*”.

Segundo Hammerschmidt e Santana, existem algumas preocupações que cercam as mudanças de rotinas dos idosos. Estimular idosos a utilizar ferramentas tecnológicas pode “[...] possibilitar aproximação social, porém, historicamente, a população idosa brasileira apresenta baixa escolaridade e dificuldade de acesso aos recursos tecnológicos” (2020, p. 2).

Nem sempre, para todos os idosos, pode ser fácil o aprendizado ou até mesmo o manuseio para usar essas ferramentas. Instruções objetivas e até o auxílio de outras pessoas vêm sendo consideradas uma opção válida para a determinação e a persistência da prática digital (Irigaray, 2020). Ainda é preciso considerar que nem todos os idosos têm acesso a equipamentos tecnológicos que permitem, vez por outra, uma interação com outras pessoas para que alivie o distanciamento social em função da COVID-19.

Além disso, o acesso à internet, por exemplo, não é o mesmo para todas as pessoas. Existem formas de experimentar o envelhecimento. Ou seja, a velhice é heterogênea e, com isso, existem diversas maneiras de vivenciá-la. Essa condição não se refere à vontade de cada idoso, mas da sua situação ao longo da vida, que é definida pela construção da realidade social, em que o sujeito é ativo no processo, tendo como base as suas relações e representações sociais, bem como por toda a interferência coletiva da classe social a que pertence (Bonardi, & Roussiau, 1999).

A respeito disso, Debert (2004, p. 93) afirma que: “[...] classe social, etnicidade e arranjos de moradia dariam dimensões tão específicas ao envelhecimento que dificilmente poderíamos pensar na velhice sem especificar os grupos aos quais estamos, de fato, nos referindo”.

Com isso, a reconfiguração de novos comportamentos diante desse cenário, também pode representar um gatilho para o aparecimento de novas doenças, mesmo em idosos que não apresentam histórico prévio, como demonstra a frase: *“Não tenho tendência depressiva, mas essa situação tem me deixado muito triste”*. Diante desta significação, muitas angústias cercam as pessoas idosas, o que desperta a necessidade latente de (re)pensar estratégias para preservação da saúde mental de idosos em tempos de pandemia.

Na Categoria 2, “Ficar em casa”: cuidar de si e do outro, o pertencimento ao coletivo, a compreensão quanto ao problema que a humanidade está vivenciando e a necessidade de se protegerem, inclusive com recomendações e orientações, aparecem de forma mais emergente através das falas: *“Pelo bem da nossa saúde. [...] pela saúde da nossa família e de todo mundo”*, *“[...] todos nós devemos ficar em casa”*. Estes discursos revelam que, para o grupo estudado, a medida de isolamento social tem sido, para os idosos, um componente importante para dirimir os veículos de contaminação, como veremos nas falas a seguir:

“Faço parte do grupo de risco; por isso, todos nós devemos ficar em casa, principalmente, nós. Velhinhos; amigos não sejam teimosos, fiquem em casa, pois essa pandemia logo passará.” (Mulher, 74 anos)

“Eu nunca vi uma doença tão brava, está muito perigoso sair. Tem que se trancar em casa e trancar os velhos para não ir à rua.” (Mulher, 108 anos)

“O que tem que fazer é não estar em porta, o que fizer não deixar de lavar as mãos e ficar em casa.” (Aposentada)

O isolamento compulsório, para o controle da pandemia, também aponta a necessidade de redes de suporte aos idosos, seja para compras de medicamentos ou gêneros alimentícios. Esta tem sido uma alternativa encontrada para cuidar de si e do outro (Hammerschmidt, Bonatelli, & Carvalho, 2020).

Diante da apreensão das falas, nos contextos “[...] amigos não sejam teimosos”, “[...]. Tem que se trancar em casa e trancar os velhos para não ir à rua” e o “O que tem que fazer é não estar em porta”, clarifica-se a reprodução das informações amplamente veiculadas pelas mídias e pela sociedade sobre este grupo, como forma de legitimar a velhice, associada à dificuldade de compreensão das precauções que, de um lado, visa à proteção do idoso, mas, por outro, resulta também na estigmatização do idoso por desobedecer às regras.

O discurso sobre os idosos, sobre os “velhos”, é ressaltado em condições atuais, dado que estes são vistos como sujeitos que não conseguem mais assimilar as informações, uma vez que são considerados como “caducos”, ineptos, incapazes de assimilar novos conhecimentos relacionadas à preservação da vida. No entanto, essa representação ressalta os conceitos sobre a própria velhice, a qual é vista como um período desprezível da existência e, em função disso, os sujeitos que dela participam são estigmatizados e estereotipados constantemente, revelando as diversas atitudes e crenças negativas sobre a velhice.

Para Moscovici (2003), as representações são compartilhadas por um determinado grupo específico num *continuum* que institui um guia de condutas socialmente aceitas e replicadas por seu potencial de familiaridade latente em um universo consensual.

Os conceitos dos idosos sobre as medidas de prevenção e o descumprimento da quarentena por parte de outros idosos, trazem à tona antigos conflitos sociais pré-existentes sobre a multiplicidade do envelhecer. A prática de não validação dos sentimentos de idosos, o ageísmo, a infantilização da velhice e a negação de uma história de vida são práticas comumente adotadas ao longo de gerações e se reproduzem nas falas dos próprios idosos, tudo isso ancorado nas representações da realidade social e na função identitária que as representações sociais impõem naturalmente a este grupo.

Esta condição evidencia as “dificuldades econômicas, de saúde, sociais, culturais, éticas e morais envolvidas nas relações com os idosos, e aflorados pela repentina pandemia” (Hammerschmidt, Bonatelli, & Carvalho, 2020, p. 4).

Categoria 2. Estratégias de enfrentamento do afastamento social em tempos de pandemia

Diante do contexto da pandemia, a espiritualidade representa o sentido da esperança e a magnitude da resiliência. O reconhecimento da fragilidade e da vulnerabilidade individual e coletiva aproxima cada vez mais o homem de suas crenças e da sua fé (Tavares, 2020). Na categoria 1. “Estratégias de enfrentamento do afastamento social em tempos de pandemia”: Espiritualidade, podemos observar nos idosos o processo de ancoragem em Deus, como forma de enfrentar os desafios advindos com a crise sanitária. Veremos abaixo algumas falas que corroboram essas colocações:

“Estamos nos cuidando, às vezes se Deus quiser a gente atravessa... aconselhamos a todos que façam o mesmo também.” (Homem, aposentado)

“Espero em Deus que a crise vai passar, tenham paciência que a crise vai passar.” (Homem, 81 anos)

“Se Deus quiser, vai passar tudo isso.” (Mulher, 68 anos)

“Eu e minha esposa, estamos muito confiantes em Deus que dias melhores virão, tudo, passará, vamos aguardar com paciência e com tranquilidade. Estamos aqui com muita saudade dos filhos e dos netos, mais estamos firmes aqui, com pensamentos firmes em Deus.” (Homem, 86 anos)

A busca pelo fortalecimento da espiritualidade, diante do cenário vivido, tem demonstrado o seu papel fundamental no controle dos sentimentos de aflição, angústia, medo e pânico que tem se alastrado (Tavares, 2020). Evidenciamos esses quesitos nas falas: *“Estamos nos cuidando, às vezes se Deus quiser a gente atravessa”* e *“[...] estamos firmes aqui, com pensamentos firmes em Deus.”*

Estudos têm desvelado o quanto a espiritualidade corrobora de forma positiva no cotidiano de pessoas idosas, relativas ao enfrentamento de situações estressantes, são consideradas como fator de proteção à saúde física e mental destes (Lima, & Pedroso, 2019).

Outro contexto que merece atenção é a morte e o morrer em tempos de pandemia. Encontrar um abrigo seguro na espiritualidade tem sido uma das formas como as famílias têm guerreado nessa batalha contra o novo coronavírus. Em diversas partes do mundo, muitos idosos enfrentam as incertezas da doença sem a presença de acompanhantes, e muitos familiares vivenciam a impossibilidade de enterrar pessoas queridas. Assim, de forma aniquiladora, “famílias choram a morte de seus entes queridos, convivem com o luto (alguns traumáticos) e com a dor de não poderem se despedir dignamente de seus familiares mortos” (Paes, 2020, p. 1).

Segundo o Center for Disease Control (2020), o incentivo ao uso de videochamadas entre pacientes e visitantes vem sendo adotado como uma medida de precaução-padrão para prevenir a transmissão da infecção e reduzir a distância entre os familiares. Nos últimos anos, as tecnologias vêm conquistando um espaço singular na sociedade, e durante uma pandemia, estes recursos têm modificado cada vez mais as formas com as quais os indivíduos mantêm suas interações sociais e significam a realidade atual, como forma de uma reconstrução identitária, cujas perdas simbólicas e reais são vivenciadas, o que obriga o grupo à adaptação a este novo modo de vida e de manutenção dos laços sociais (Ferreira, & Pena, 2020; Souza, & Batista, 2015).

Na categoria 2, “Estratégias de enfrentamento do afastamento social em tempos de pandemia”: Inclusão Digital, pode-se identificar o uso de ferramentas digitais, que inclui aplicativos, ligações e acessos à internet e permite a comunicação com amigos, familiares e até profissionais de saúde, como pode ser percebido nos discursos:

“Esse aplicativo, agora, eu sei usar bem. Me comunico com várias pessoas e poder usar ele para fazer as minhas comprinhas é uma mão na roda. Uma não, duas, abençoada tecnologia, viu? A gente resolve muita coisa através dela. Agora ninguém me segura, eu já comprei até coisas de outros países.” (Mulher, 68 anos)

“Eu estou vendo minhas amigas, matando a saudade, passando o tempo, fico por dentro das fofocas.” (Mulher, aposentada)

“A gente fala com amigos, com netos, com todo mundo ...só não posso beijar os netinhos...vejo receitas, remédios, conselhos, moda.” (Mulher, aposentada)

“A fisioterapia nós já fazemos, minha mulher e eu, nós ficamos em casa, preparamos o ambiente, colocamos tudo como o fisioterapeuta solicita e é perfeitamente viável.” (Homem, 80 anos)

Segundo Ferreira e Pena (2020), a inteligência artificial vem sendo considerada como capaz de transformar a economia, a educação, a saúde e, “aliada às mídias digitais, proporciona um leque de opções em relação à compra de bens e serviços, derrubando qualquer limitação geográfica que pudesse existir há alguns anos”. Estes conceitos conectam-se a falas como estas: “(...)abençoada tecnologia, viu? A gente resolve muita coisa através dela. Agora ninguém me segura, eu já comprei até coisas de outros países”; “Eu estou vendo minhas amigas, matando a saudade, passando o tempo”.

Outra representação importante a ser considerada é a inovação através da teleconsulta, que vem diminuindo os prejuízos à saúde, minimizando fronteiras e possibilitando a orientação correta e adequada quanto a condutas, tratamentos e reabilitação. No trecho: “[...] nós ficamos em casa, preparamos o ambiente, colocamos tudo como o fisioterapeuta solicita...[...]”, pode-se perceber a importância desses recursos tecnológicos para a continuidade dos tratamentos já realizados.

Em um estudo chinês realizado por Wu, Yu e Wang (2020), os quais elencam estratégias para barrar a contaminação viral, a realização de consultas on-line e a suspensão de consultas não emergenciais foram consideradas uma alternativa viável para a preservação da vida e a diminuição dos índices de mortalidade entre a população.

Segundo Ho, Chee e Ho (2020), essa prática tem se mostrado uma ferramenta importante para atenuar, também, os efeitos do impacto negativo que a pandemia tem ocasionado nas pessoas, e também já é uma estratégia recomendada e regulamentada no Brasil por meio da Telemedicina aprovada na Portaria n.º 467, de 20 de março de 2020 (Brasil, 2020).

Categoria 3. Perspectivas futuras pós-pandemia

A vida pós-pandemia está cercada de desejos, anseios e esperança. A categoria 1, “Perspectivas futuras pós-pandemia”: Autonomia, socialização, religiosidade e convívio familiar demonstram que os idosos esperam desfrutar de suas rotinas e veem,

no acolhimento afetivo, significados mais intensos. As falas a seguir exemplificam as representações dos idosos sobre suas expectativas para depois da pandemia:

“O que eu mais quero é ir pra igreja.” (Mulher, 75 anos)

“Eu acho que é conversar com as amigas, converso só pelo celular ...espero que isso passe logo.” (Mulher, 87 anos)

“Eu quero ficar livre e andar por toda ‘banda’ por aí.” (Homem, 94 anos)

“Para mim, é abraçar os filhos, o neto, estamos com muitas saudades.” (Homem, 86 anos)

Quando os idosos relatam em suas falas: “[...] espero que isso passe logo.”, “Eu quero ficar livre”, é de se notar que a dimensão emocional e social tem sido afetada pelo confinamento. Para muitos idosos, ir à igreja, conversar com as amigas, ter autonomia e ter por perto a família, traz sensação de conforto e paz. Segundo Ho, Chee e Ho (2020, p. 18), “em tempos de crise, é fundamental criar manejos para o fortalecimento da saúde mental do indivíduo.”

Segundo Pimentel e Silva (2020), conhecer os efeitos psicológicos em uma situação de pandemia, torna-se importante para diferenciar as manifestações relacionadas ao sofrimento humano e suas conjunturas. Haja vista a necessidade de promover políticas para a redução de vulnerabilidades e compreender as demandas de cada público-alvo.

Para Bittencourt (2020, p. 171), ao representar a quarentena através da fala: *“ficarmos demasiadamente próximos uns dos outros, nos incomodamos; se nos mantivermos afastados, sentimos solidão”*, defere os múltiplos sentimentos que os idosos têm vivenciado.

Ainda sobre ter liberdade e socialização, Hammerschmidt e Santana (2020) colocam que a autonomia e a independência do idoso são alicerces para o envelhecimento saudável, e privar idosos ativos em casa, neste momento para evitar o contágio, é uma medida necessária, embora com possíveis efeitos negativos.

Esse período de incertezas e espera pode gerar muita ansiedade, insegurança, solidão e tristeza, e deve ser aproveitado para cada pessoa se reinventar, aprendendo ou aprimorando as relações sociais através do mundo digital (Irigaray, 2020).

Nos discursos, “[...] *abraçar os filhos, o neto, estamos com muitas saudades*”, nota-se que o distanciamento social desperta planejamentos para o futuro. Nas relações sociais, “pessoas mais efusivas e calorosas sofrem com o isolamento social e anseiam por encontros sem mais tardar” (Bittencourt, 2020, p. 171).

Contudo, o afastamento não é homogêneo para todas as gerações e classes sociais. Alguns idosos permanecem sozinhos em seus lares, enquanto outros vivenciam o distanciamento dentro de suas casas nos mais diversos arranjos familiares.

Lima, *et al.* (2020), ao realizarem uma pesquisa on-line com 2.259 participantes, sobre os aspectos comportamentais e as crenças da população cearense frente à pandemia de COVID-19, mencionam que os idosos participantes da pesquisa informam que nem sempre é possível realizar a quarentena em sua totalidade, devido ao fluxo de pessoas mais jovens em casa, que precisam sair para trabalhar, ir ao mercado e farmácias.

É interessante destacar como cada grupo social se apropria do saber e deve-se “considerar as especificidades dos diferentes grupos sociais na forma como se apropriam de um saber reificado, típico do universo científico, como é o caso do novo coronavírus, e o transformam em um saber do senso comum” (Do Bú, Alexandre, Bezerra, Sá-Serafin, & Coutinho, 2020, p. 11).

As leituras de mundo, assim como as perspectivas e planos que os idosos constroem para um futuro pós-pandemia, estão intimamente relacionados com os contextos e realidades sociais que cada um desses idosos vivencia.

É nesse cenário que se faz importante conhecer as representações das pessoas idosas sobre as facetas que cercam a COVID-19. Compreender a heterogeneidade da velhice em diferentes contextos possibilita a adoção de medidas que contribuam para proporcionar melhores perspectivas de vida durante e após a pandemia.

Considerações finais

Neste estudo, é notável que os idosos representam o “ficar em casa”, em decorrência do coronavírus como uma fase de enfrentamento difícil, que modificou

milhares de vidas em todo o mundo por um bem coletivo. A espiritualidade e a inclusão digital para os idosos também se mostraram como uma ferramenta de ancoragem para ter mais esperança, e como uma estratégia para diminuir as distâncias.

Ter a liberdade e autonomia ceifadas também foi considerado um fator relevante. O direito de ir e vir, impedido por conta de um fenômeno biológico, convocou a traçar novas estratégias para planejar o futuro e pensar maneiras de aproveitar o viver. Destaca-se, ainda, a necessidade de realização de pesquisas futuras para conhecer os mais diversos contextos em que idosos enfrentam a pandemia da COVID-19.

Para que este período de turbulências passe, e traga novamente a rotina e o cotidiano de todos, sobretudo da pessoa idosa, torna-se necessário o cumprimento das inúmeras ações de proteção amplamente divulgadas pela ciência.

Entendendo que este momento que vivemos é novo, e que outras epidemias já foram enfrentadas no mundo, a pandemia do COVID-19 cresce como uma reação em cadeia e traz consigo muitos questionamentos. Assim, é preciso acreditar que descobertas sobre esta doença ainda serão concretizadas ao longo dos anos, e ter a resiliência para entender que esta crise sanitária vivida no Brasil e no mundo, logo passará.

Referências

Bardin, L. (2016). *Análise de Conteúdo*. Reto, L. A., & Pinheiro, A. (Trads.). São Paulo, SP: Edições 70.

Bittencourt, R. N. (2020). Pandemia, isolamento social e colapso global. *Revista Espaço Acadêmico*, 221, 168-178. Recuperado em 20 maio, 2020, de: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/52827>.

Brasil. (2020). Ministério da Saúde. Portaria MS/GM n.º 467, de 20 de março de 2020. Dispõe, em caráter excepcional e temporário, sobre as ações de Telemedicina, com o objetivo de regulamentar e operacionalizar as medidas de enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional previstas no art. 3º da Lei n.º 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, decorrente da epidemia de COVID-19 [Internet]. *Diário Oficial da União*. Brasília (DF), 2020 mar 23 [citado 2020 mai 30]. Seção 1: Extra. Recuperado em 20 maio, 2020, de: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-467-de-20-de-marco-de-2020-249312996>.

Bonardi, C., & Roussiau, N. (1999). *Les représentations sociales*. Paris, França: Dunod.

Carrillo, C. G. Q., Cruz, A. P., Ayala, E. V., Valencia, Y. P. E., Delgado, Joel De Leon, & Ramirez, P. A. (2020). Un nuevo coronavirus, una nueva enfermedad: COVID-19. Lima, Peru: *Horizonte Médico*, 20(2), e1208. Recuperado em 20 maio, 2020, de DOI: <https://doi.org/10.24265/horizmed.2020.v20n2.11>.

CDC. (2020). *Center for Disease Control Interim Infection Prevention and Control Recommendations for Patients with Suspected or Confirmed Coronavirus Disease 2019 (COVID-19) in Healthcare Settings*. Recuperado em 20 maio, 2020, de: <https://www.simlaweb.it/wp-content/uploads/2020/03/Infection-Control-Severe-acute-respiratory-syndrome-coronavirus-2-SARS-CoV-2-CDC.pdf>.

Debert, G. G. (2004). *A reinvenção da velhice: socialização e o processo de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp.

Lima, R. R. C., & Pedroso, J. S. (2019). Suporte social da espiritualidade a idosos, vítimas de violência familiar. São Paulo, SP: PUC-SP: *Revista Kairós-Gerontologia*, 22(2), 303-320. Recuperado em 20 maio, 2020, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/46531/0>.

Do Bú, E. A., Alexandre, M. E. S., Bezerra, V. A. S., Sá-Serafin, R. C. N., & Coutinho, M. P. L. (2020). Representações e ancoragens sociais do novo coronavírus e do tratamento da COVID-19 por brasileiros. Campinas, SP: *Estudos de Psicologia*, 37(11), (e200073). Recuperado em 20 maio, 2020, de: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200073>.

Etard, J-F., Vanhems, P., Atlani-Duault, L., & Ecochard, R. (2020). Potential lethal outbreak of coronavirus disease (COVID-19) among the elderly in retirement homes and long-term facilities, France, March 2020. *Euro Surveillance*, 25(15), pii=2000448. Recuperado em 20 maio, 2020, de: <https://doi.org/1560-7917.ES.2020.25.15.2000448>.

Ferreira, C. A. V., & Pena, F. V. (2020). O uso da tecnologia no combate a Covid-19: uma pesquisa documental. *Braz. J. of Develop.*, 6(5), 27315-27326. Recuperado em 20 maio, 2020, de: DOI:10.34117/bjdv6n5-254.

Hammerschmidt, K. S. A., & Santana, R. F. (2020). Saúde do idoso em tempos de pandemia COVID-19. *Cogitare Enferm.*, 25, e72849. Recuperado em 20 maio, 2020, de: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1095404>.

Hammerschmidt, K. S. A., Bonatelli, L. C. S., & Carvalho, A. A. (2020). Caminho da Esperança nas Relações envolvendo os Idosos: olhar da complexidade sob pandemia do Covid-19. *Texto e Contexto Enfermagem*, 20, 4. Recuperado em 20 maio, 2020, de: <http://orcid.org/0000-0002-7140-3427>.

Ho, C. S., Chee, C. Y., & Ho, R. C. (2020). Mental Health Strategies to Combat the Psychological Impact of COVID-19 Beyond Paranoia and Panic. *Annals of the Academy of Medicine*, 49(1), 1. Recuperado em 20 maio, 2020, de: https://www.annals.edu.sg/pdf/special/COM20043_HoCSH_2.pdf.

Irigaray, T. Q. (2020). *Cartilha para idosos para enfrentamento do Coronavírus (COVID19)*. Porto Alegre, RS: EdiPUCRS.

Ministério da Cultura (BR). (2015). Presidência da República, Casa civil, subchefia para assuntos jurídicos. *Decreto n.º 8.469, de 22 de junho de 2015*: Regulamenta a lei n.º 9.610 de 9 de fevereiro de 1998, e a lei n.º 12.853 de 14 de agosto de 2013, para dispor sobre a gestão coletiva de direitos autorais. Brasília, DF: Ministério da Cultura.

Oliveira, A. S., Lopes, A. O. S., Santana, E. S., Gobira, N. C. M. S., Miguens, L. C. P., Reis, Luana A., & Reis, Luciana A. (2020). Representações sociais de idosos sobre a COVID-19: análise das imagens publicadas no discurso midiático. *Revista Kairós-Gerontologia*, 23(Número Temático Especial 28, "COVID-19 e Envelhecimento"), 461-477. ISSNprint 1516-2567. ISSN 2176-901X. São Paulo, SP: FACHS/NEPE/PUC-SP

- Moscovici, S. (2003). *Representações Sociais. Investigações em Psicologia Social*. (Guareschi, P., Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Lima, D. L. F., Dias, A. A., Rabelo, R. S., Cruz, I. D., Costa, S. C., Nigri, F. M. N., & Neri, J. R. (2020). COVID-19 no Estado do Ceará: comportamentos e crenças na chegada da pandemia. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20. Recuperado em 20 maio, 2020, de: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020255.07192020>.
- OMS/OPAS. (2020). (Brasil). *Coronavírus*. 2020. Recuperado em 05 maio, 2020, de: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_joomlabook&view=topic&id=529.
- Paes, C. (2020). Coronavírus: famílias sofrem por falta de velórios de entes que morreram durante isolamento. *Rede Globo Minas*, 20, 1. (07/04/2020). Recuperado em 20 maio, 2020, de: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/04/07/coronavirus-familias-sofrem-por-falta-de-velorios-de-entes-que-morreram-durante-isolamento.ghtml>.
- Pimentel, A. S. G., & Silva, M. N. R. M. O. (2020). Psychic Health in times of Corona Virus. *Research, Society and Development*, 9(7), 1-13. Recuperado em 20 maio, 2020, de: <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i7.3602>.
- Tavares, C. Q. (2020). Dimensões do cuidado na perspectiva da espiritualidade durante a pandemia pelo novo coronavírus (COVID-19). [Editorial]. *Journal Health NPEPS*, 5, 1-4. Recuperado em 20 maio, 2020, de: <http://dx.doi.org/10.30681/252610104517>.
- Sousa, J. G., & Baptista, M. M. (2015). Ócio e cultura na (re)construção identitária de pessoas idosas institucionalizadas. *Revista Subjetividades*, 15(2), 274-285. Recuperado em 20 maio, 2020, de: <https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/4964>.
- Wu, F., Zhao, S., Yu, B., Chen, Y. M., Wang, W., Song, Z. G., & Yuan, M. L. (2020). A new coronavirus associated with human respiratory disease in China. *Nature*, 579(7798), 265-269. Recuperado em 20 maio, 2020, de: <https://doi.org/10.1038/s41586-020-2008-3>.

Alessandra Souza de Oliveira – Enfermeira, Universidade de Marília, UNIMAR. Doutoranda e Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, EESB. Docente do Colegiado de Enfermagem, Faculdade Independente do Nordeste, FAINOR.

Arianna Oliveira Santana Lopes – Enfermeira, Doutoranda em Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, UFBA. Mestre em Família, Universidade Católica do Salvador. Atualmente é Subsecretária de Saúde, do município de Itambé, bolsista de Produtividade NR2 e Docente da Faculdade Independente do Nordeste, FAINOR.

Elaine dos Santos Santana – Enfermeira, Doutora e Mestre em Memória, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB, Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. Docente filiada à Faculdade Independente do Nordeste, FAINOR, e Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB.

Nádia Cristina Moraes Sampaio Gobira – Graduação em Geografia, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB. Mestre em Geografia, com área de concentração em organização e dinâmica dos espaços agrário e regional. Docente do Instituto Federal da Bahia, IBFA.

Layanne Christinne dos Passos Miguens – Fonoaudióloga. Mestre em Memória, Linguagem e Sociedade, com ênfase em Memória, Envelhecimento e Dependência Funcional. Docente na área de Fonoaudiologia, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, IFMA.

Luana Araújo dos Reis – Enfermeira. Pós-Doutora, Universidade Federal da Bahia, UFBA. Doutora e Mestre em Enfermagem, UFBA. Docente na Faculdade de Tecnologia e Ciências, FTC.

E-mail: luareis1@hotmail.com

Luciana Araújo dos Reis - Fisioterapeuta. Pós-Doutorado em Saúde Coletiva, Instituto de Saúde, UFRN. Mestrado e Doutorado em Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN. Atualmente é Gerente de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação e Bolsista de Produtividade NR1 da Faculdade Independente do Nordeste. Pesquisadora colaboradora da UFRN e Docente Titular B, da UESB. Orientadora do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Mestrado e Doutorado. Líder do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre o Envelhecimento Humano, NIEPEH, UESB.

E-mail: lucianauesb@yahoo.com.br